



### OS MOVIMENTOS SOCIAIS COMO COMPONENTES ESTRUTURAIS DA DIMENSÃO PEDAGÓGICA DO CINEMA NEGRO

PRUDENTE, Celso Luiz<sup>1</sup>  
BATALHA, Marisa<sup>2</sup>

#### RESUMO

O presente artigo é uma indagação, mostrando em que medida o cinema negro, enquanto instrumento de construção da imagem de afirmação positiva do afrodescendente, na era da informação tem sua ontologia, na luta. Observa-se, ainda em que medida a dimensão pedagógica do cinema negro reflete na sua estrutura, a subjetividade dos movimentos sociais.

**PALAVRAS-CHAVES:** afirmação positiva, dimensão pedagógica e subjetividade dos movimentos sociais.

#### OS MOVIMENTOS SOCIAIS COMO COMPONENTES ESTRUTURAIS DA DIMENSÃO PEDAGÓGICA DO CINEMA NEGRO

O presente artigo pretende observar em que medida se dá a possível dimensão pedagógica do cinema negro, visto isto haverá um esforço para se entender a relação entre dignidade e movimentos sociais. Neste processo dinâmico perguntar-se-á se a condição em que se dá o Cinema Negro e se o mesmo enquanto objeto tem as tais condições como condicionante de linguagem. É, portanto, imperativo que se indague, por exemplo, de que modo essas condições determinantes do Cinema Negro serão estruturais nê-lo, como objeto?

Parece-me difícil tratar a questão do negro prescindindo do dimensionamento de África entre nós, tratemo-lo então no âmbito da diáspora africana em que a África no individuo será

---

<sup>1</sup> Antropólogo, cineasta, doutor em Cultura pela USP. Professor da UFMT e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMT. Curador da Mostra Internacional do Cinema Negro.

<sup>2</sup> Jornalista, filotécnica, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMT. Diretora de Redação do Jornal Folha do Estado (MT).



Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT (Juara). n.01, vol. 1, 2014.

um elemento a título de desiderato. A comunicação aqui é, dessa maneira, suleada pelo designo da africanidade.

O negro em que falo resulta de uma negritude, enquanto demanda assim conceitual, apresentada no campo da afirmação. A afirmação é, 'ao meu quase cego ver, um paradoxo de negação, razão pela qual esta reflexão passa também por uma dimensão ontológica. A afirmação que se nota no afro descendente estabelece-se em um processo de luta em favor da sua humanidade, na qual, possivelmente, buscando-se na epistemologia circular da cosmovisão africana antiga traços memoriais de dignidade; colocando em pauta o respeito à biodiversidade como fator *sine qua non* ao respeito à diversidade.

Percebe-se que a afirmação desta africanidade fazer-se-á por meio de um processo que implicam possibilidades ontológicas que se manifestam no campo paradoxalmente as relações de mercado. E, encontrando sentido, aí, na linearidade do classicismo ocidental, dado na lógica acumulativa.

É sensato supor que, a africanidade do afro descendente na diáspora desenvolve-se em um devir das possibilidades kantianas, em que as realizações se dão em uma relação horizontal de possível saber da esfericidade negra, em que a teleologia quando vista se manifesta na possibilidade do reiniciar, própria de um universo onde o diálogo da morte e vida do indivíduo e o já ido é constante, de tal sorte que a lógica acumulativa perderia o seu sentido. Situação que se estabelece, 'ao meu quase cego ver', a dinâmica de polaridade da ambivalência paradoxal do saber mágico da esfericidade de relações horizontais africana, versus a linearidade do classicismo ocidental da verticalidade de lógica acumulativa.

A compreensão dos pontos postos nesta abordagem decorre da constatação de ausência de informação na composição do sistema de discernimento das demandas caucasianas; respeitante ao complexo do mundo mágico do saber africano. Complexidade que, quando tratada, aí, é visto pela mediação de suposta existência dada por um mundo de objetividade e subjetividade de relações escravistas.



### EXISTÊNCIA AFRICANA VERSUS ESCRAVIDÃO DE ESTADO

É, neste caso específico, que se configura o problema, considerando-se que a população de pele negra vem povoando o mundo a partir da África de 100.000 anos a 18.000 anos a.C.. E o período em que se observa a escravidão tipicamente mercantil (euro-ocidental) dar-se-á de 1500 anos a 1888 anos da era cristã. Reflete-se, aí, com efeito, que tal experiência escravista ocidental em termo de tempo é quase irrelevante em relação à longa existência da vida na complexidade da existência africana. Que Elisa Larkin Nascimento chama atenção:

Os povos de pele negra da África tem sido sempre agentes ativos do desenvolvimento humano em todo o mundo. Durante a Alta Antiguidade eles povoaram o mundo e ao alcançaram os primeiros avanços tecnológicos. Mais tarde, durante a Antiguidade, sua presença influenciaram estabelecendo-se à Ásia, à Europa e às Américas. Viveram apenas uma ínfima parte de seu tempo histórico amarrados aos grilhões da escravidão mercantil europeia e, no tempo do cativo e da colonização, continuaram criando cultura e conhecimento. (NASCIMENTO, 2010, pp. 44-45).

Ainda segue a autora:

[...] quando falamos “povos negros” ou “povos africanos”, essa frase tem hoje significado racial e político construído recentemente, sobretudo no tempo de cativo, colonialismo e resistência dos últimos 500 anos. Nas épocas remotas em que os povos africanos povoavam o mundo, esse significado não existia; apenas eles tinham a pele negra. Para variar, dizemos “africanos” e “negro-africanos” com esse mesmo sentido. (NASCIMENTO, 2010, p. 45).

Nota-se, então, que a possível consideração de um curto período de dificuldades, dadas por sobrevivência como forma de resistência a morte imposta como escravismo mercantil, logo exógena, em detrimento ao longo tempo de experiências existenciais, resultante da cosmovisão negra antiga. E, assim, permitindo, aí, contudo, uma relação horizontal de diálogo da vida e da morte, na perspectiva de plenitude da epistemologia de possível esfericidade negra.



Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT (Juara). n.01, vol. 1, 2014.

Ver-se-á, nesta abordagem, que se tornou inequívoco a tentativa da construção silenciosa de colar no negro o peso da escravidão mercantilista, ainda assim deformada na sua última fase, cujo cenário foi à realidade escravista no Brasil; diga-se de passagem, o último estatuto de escravidão que a humanidade conheceu. Esse estatuto tinha as lacunas jurídicas, do período colonial brasileiro, suprido pelo Direito Romano. Não-lo, considerava-se a dignidade. Constata-se que, quando um senhor engravidava uma escrava, o rebento nascia livre e a cativa era, por conseguinte, posta em liberdade; constatando-se que esta condição de beneplácito não coube ao escravizado no Brasil, onde o pai escravizava o próprio filho e promovia entre os possíveis seus o criatório.

É plausível observar as lições da jurista Eunice Prudente, (1989) que constatou em suas investigações que o escravo, aqui, era considerado semovente<sup>3</sup>. É provável que a tentativa de fazer do afro descendente signo da escravidão deve-se a configuração escravista, que foi essencialmente patológica, quando comparada com a escravidão clássica, esta sim, provavelmente, todas as civilizações e culturas conheceram.

Cabe considerar ainda que nesta linha de discernimento a escravidão esteja presente até no mais remoto traço de conhecimento, sistemático do mundo helênico. Por exemplo, na mitologia grega é inequívoca a demanda das relações escravistas. A dignidade, no-la, estabelece-se como referência. Posto que na escravidão clássica o escravizado fosse reintegrado na sociedade que o escravizou, razão pela qual a preservação da dignidade do escravizado pressupunha a suposta manutenção do equilíbrio da força escravista e seu desdobramento.

O discernimento em que se reflete desse modo, que na mitologia grega, na condição de símbolo da beleza e referência da harmonia, o Apolo foi escravizado por duas vezes quando se rebelou contra o grande Zeus, que, lhe impôs como represália impôs-lhe o fardo da escravidão. Observa-se, entretanto, que tal fardo não lhe furtou o *status* de signo da beleza e de referência da harmonia. Nota-se, aí, que, provavelmente, a manutenção do *status* estético, que lhe era

---

<sup>3</sup> Segundo a jurista Eunice Prudente o tratamento de semovente era dado ao escravizado na medida em que o comparava com animais, tais como: cavalo, cabrito, etc.



Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT (Juara). n.01, vol. 1, 2014.

essencial, deu-se pela preservação da dignidade, observada na essência do indivíduo na relação com seu mundo. Que se vê na consideração de Rodas e Prudente:

[...] o escravismo era presente nos remotos pensamentos helênicos caracterizado na mitologia grega, visto no episódio cujo Apolo, símbolo da beleza e da harmonia, teve a escravidão como represália quando se rebelou contra o grande Zeus. Entretanto, não perdeu o status de ícone do belo e do harmônico. Na escravidão clássica o escravo era reintegrado na sociedade que o escravizou, portanto o poder era proibido de usar de prática como lenocínio e outras que poderiam fragmentar sua dignidade. No caso específico do Brasil, no período colonial, o Direito Romano era uma alternativa para cobrir as lacunas jurídicas. No entanto, no tocante a preservação à dignidade do escravo, tal alvitre não era considerado, talvez pelo fato em vista a reintegração do escravizado na sociedade que o escravizou, elemento basilar da escravidão clássica. (RODAS e PRUDENTE, 2009, p. 503)

A última escravidão de Estado<sup>4</sup> em que se buscou fazer do negro o seu símbolo, expressa um exercício político cujo suposto branco o fez. Tendo em vista que o fez por um projeto viciado da colonização em que o colonizador também era colonizado. Condição que para tanto lhe exigia inexorável violência na medida em que o ato consubstancial da colonização era espelho do agente colonizador, para lhe furtar da angustia buscava-se anulação do colonizado.

Abordagem sugestiva à discussão na qual se percebe na relação atinente indubitável tentativa violenta de anulação do colonizado. Violência esta que se costuma chamar nas Ciências Sociais, de darwinismo social; sugerindo que a existência de um pressupõe a total inexistência do outro. O que vale dizer, neste contexto, que a dominação senhorial do escravizado passava por uma compreensão da força dominante, que o segmento subordinado dar-lhe-ia, também, seu o sangue. Única forma de saciar a exploração, que se percebia no destino colonial. A inexorável violência anuladora observada colonização ocidental,

---

<sup>4</sup> É de suma importância elucidar que a escravidão de Estado, que se trata no presente artigo diz respeito não a legalidade da escravidão, na medida em que assim não o era. O escravo do período colonial ao segundo império foi sujeito de direito, tanto é, que suas penalidades decorriam de julgamento em praça pública, sobretudo nas penas que iam do castigo da chicotada à subtração de sua vida, pelo Estatuto da Pena de Morte. O que pese que nas ações jurídicas que implicavam senhor e escravo, já se percebia todo um favorecimento em prol do senhor. Fato que, ao meu quase cego ver, não prescindia do dimensionamento jurídico a parcialidade em detrimento do escravizado. A esse respeito sugiro o livro "Crime de escravidão", de Wilson Prudente 2006.



Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT (Juara). n.01, vol. 1, 2014.

provavelmente tinha por designo o fim do escravizado como consequência da total apropriação dos bens coloniais.

No pensamento do colonizador não haveria, por conseguinte, vida em hipótese alguma do colonizado para além do trabalho. Os limites físicos da objetividade escravistas imposta aos negros concorreram para uma construção de um possível ideal de africanidade que lhes tirassem do fatal golpe de violência colonial, dado pela morte como fim na linearidade do conceito ocidental. Fato que contribuiu para uma construção ideal de África, que lhe permitisse o resgate da humanidade, negada pela dominação euro-ocidental, por meio da colonização ibérica, constituída em instrumento da colonização europeia, de natureza anglo-saxônica.

### **O OCIDENTAL QUE OBSERVOU SEM SER OBSERVADO**

Visto que a cosmovisão africana antiga do respeito à biodiversidade garantia a vida como princípio de saber. Comportamento, este, que passava pelo dialogo introspectivo de profundo sentimento memorial com a ancestralidade, diante da tentativa de fragmentação da sua existencialidade.

Coube, assim, ao negro o reencontro existencial com o pai, - o pai primitivo na condição de primeiro, - pois nesta paternidade, na relação totêmica, encontrava-se o depositário da memória do grupo. Segundo Prudente (2007):

[...] a arte segue a vida de um presente dinamismo da morte que escreve o tempo pela ancestralidade e a nação por um modo de ser. [...] Na africanidade, a vida é uma constante busca da comunicação com os já idos, como uma tentativa de construir uma plenitude eterna, na qual o lugar, portanto, o espaço sagrado ganha a sua grandeza pela sua diversidade biológica, na medida que a cultura africana tem como base as famílias clânicas. Onde a relação de parentesco se consubstancia na fé totêmica, pois o totem é o depositário da alma do “pai”, portanto, elementos sagrados, resultados nas relações de ancestralidade.

A importância dos cultos afros brasileiros se traduz na dimensão dada pelo binômio indissociável – mito/rito. Por meio do rito, se alcança o mito, o



Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT (Juara). n.01, vol. 1, 2014.

ancestral divinizado que permite o crescente reconstituir da condição existencial com a força vital, de significação do “pai”. Por essa razão, a arte afro brasileira encontra nos culto negro o seu *locus* (PRUDENTE, 2007, pp. 11-12).

Dar-se-ia, dessa maneira, então, no-lo, o resgate da força vital (que é a essência da ancestralidade que se estabelece na biodiversidade das relações de tamboralidade) por um processo ritual dos cultos afros, que são fundamentais ao afro descendente, como autonomia para fazer valer a sua humanidade, negada pela hegemonia euro-ocidental, que por sua vez é, também, eurocêntrica. Processo de dominação desenvolta no plexo da informação, considerando que na era da revolução tecnológica, que encontra na informação a sua consubstancia.

E, sendo, assim, a imagem é uma privilegiada expressão informativa na medida em que é, sobretudo, também, forma de pensamento. Assim, constituindo-se em princípio de ensinamento, de processos rituais que demandam as relações mitológicas, do saber do universo mágico africano. Como se observa no mito de Obatalá, observado por Prandi. “O descontentamento de Obatalá com a falta de devoção das pessoas, que não reverenciavam os orixás com as devidas oferendas, se constitui numa lição de respeito à ancestralidade que garante a conservação da força vital” (PRANDI. 2001, pp. 506-507).

A força vital é um elemento fundamental na luta contra a discriminação reificadora que busca fragmentar por meio do estereótipo a imagem do negro; colocando-a como fragmentada, justamente na demanda de relações epistemológicas. Tendo em vista que a estratégia dos estereótipos é apontar a imagem do não branco, caracterizado no ibero-afro-ameríndio como provável símbolo, dado por representação das relações de inépcia. De tal sorte que assim se estabelece a ideologia de inferioridade do negro, em um processo ambivalente de relações paradoxais, que por seu turno concorre à tentativa de boçalização midiática do não branco, que se dá por um processo de repetição no qual aponta o outro vulnerável numa perspectiva degenerativa. Discernimento crítico que, também, observa-se nas lições de Homi Bhabha:

[...] É um aparato que se apóia no reconhecimento e repúdio de diferenças raciais/culturais/histórica. Sua função estratégica predominante a criação de um espaço para “povos sujeitos” através da produção do reconhecimento em



Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT (Juara). n.01, vol. 1, 2014.

termos dos quais se exerce vigilância e se estimula uma forma complexa de prazer/ desprazer. Ele busca legitimação para suas estratégias através da produção de conhecimentos do colonizador e do colonizado que são estereotipados, mas avaliados antiteticamente. O objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistema de administração e instrução [...] (BHABHA, 2007, p. 110).

O estereótipo como fator depreciativo, no mesmo curso, que por sua vez a contrariedade da paradoxalidade pressupõe a repetição da superioridade caucasiana em detrimento do negado. O negro visto aí é vítima da implacável perseguição, articulada no projeto de fragmentação do seu dimensionamento afro-epistemológico, implicando na desarticulação da sua iniciativa, que é 'ao meu quase cego ver', a essência e a razão existencial do indivíduo e também de seu grupo.

Nota-se que no sistema da iniciativa privada o proibido/oprimido, assim desprovido dos bens que resultam do conhecimento, cabendo-se dizer que o proibido é privado da iniciativa. Buscar-se-á, para tanto a contumaz tentativa de desconsideração da dignidade, neste sentido, o opressor que é manifesto da maleficência, indicando para o subordinado uma naturalidade condicional, que se daria por uma razão supostamente intrínseca de inferioridade cuja expressão semática fazer-se-á na imagem do não branco; configurado no ibero-afro-ameríndio, que tem sua negação imposta pela verticalidade eurocêntrica do branco, caracterizada na imagem do euro-hetero-macho-autoritário. A respeito da dimensão da iniciativa como expressão ontológica Prudente discorre:

A inclusão do outrem no processo das relações de plena existência tem sido uma operação que busca para que o marginalizado venha resgatar a sua capacidade de iniciativa (impulso de energia positiva, consubstanciado no senso epistemológico de participação), com vistas nas relações de plenitude. Considera-se que, no sistema da iniciativa privada, o marginalizado é privado de iniciativa. Para o negro brasileiro, a iniciativa, enquanto que essência humana se estabelece por um processo de demandas ontológicas, pois permite à pessoa a condição do Ser, fenômeno que se expressa no respeito ao passado de relações memoriais, como forma de entendimento do presente. É nesse plano, que se abre brechas para a ancestralidade, como força vital, possivelmente, é aí, que se plasma o conceito de afro brasileiro, portanto só existe integração quando se considera a axiologia do grupo étnico tratado (PRUDENTE, 2007, p. 7).



Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT (Juara). n.01, vol. 1, 2014.

A linha de abordagem aí posta em questão é sugestiva para o discernimento de que na era da informação a luta do afro descendente por afirmação positiva consagra-se em um campo de dimensão semiótica de inexorável ontologia; dado por uma luta pela dignidade, fazendo-se por meio da imagem. É sensato supor que na revolução tecnológica a imagem enquanto que informação é a expressão constituída da essência do objeto, que neste caso do específico do negro, enquanto minoria imagética visto no ibero-afro-ameríndio. Sua humanidade da-se, dessa maneira, em um processo comunicacional. Situação na qual sua imagem é reconstruída a partir de si e para si mesmo no processo de humanidade; pressupondo-se aí, a profunda relação com o outro.

A reconstrução da imagem de afirmação positiva do afro descendente dar-se-á por um processo de reconstrução de mundo, baseado na cosmovisão africana antiga que apontava ao respeito à biodiversidade; somente, no-la, o campo da diversidade é dado pelo sentido suleador com referência na dignidade. De tal sorte que a humanidade da africanidade como desiderato do respeito à biodiversidade; processando-se por uma demanda afro-epistemológica cuja essência transcendental de magia do negro, dado por uma relação horizontal perceptível na esfericidade do saber africano.

Sendo uma horizontalidade do negro para com o outro em um campo de diversidade, que, somente, aí se verá a tamboralidade, que é parte essencial da plenitude lúdico-existencial da africanidade; paradoxalmente, a frieza cartesiana do branco que se verticaliza na construção fria dos tijolos sociológicos da tristeza, que, possivelmente, resulte da construção da maldade própria do sentido do lucro como razão da lógica acumulativa ocidental. Comportamento que a condição hegemônica da verticalidade do euro-hetero-macho-autoritário vive na observância implacável do diferente, sem que seja observado. Como ensina Jean Paul Sartre:

O que esperáveis que acontecesse, quando tirastes a mordaga que tapava estas bocas negras? [...] Estas cabeças que nossos pais haviam dobrado pela força até o chão, pensáveis, quando se reerguessem, que leríeis adoração em seus olhos? Ei-los em pé, homens que nos olham e faço voto para sintais como eu a comoção de ser vistos. Pois o branco desfrutou três mil anos o privilégio de ver sem que o vissem; era puro olhar, a luz de seus olhos subtraía todas as coisas da sombra natal, a brancura de sua pele também era um olhar, de luz condensada. O homem branco, branco porque era homem, branco como o dia, branco como a verdade, branco como a virtude, iluminava a criação qual uma



tocha, desvelada a essência secreta e branca dos seres [...]. O que esperáveis que acontecesse, quando tirastes a mordanças que tapava essas bocas negras? [...]” (SARTRE, 1960, p. 105).

Depreende-se aí que o sentido ocidental como poder da imagem do euro-hetero-macho-autoritário, possivelmente, de forma inexorável se estabelece pela negação do outro, enquanto expressão de um possível traço, que caracteriza o valor epistemológico. E assim se dá o problema da dominação da imagem de verticalidade do poder euro-hetero-macho-autoritário. Assim sendo, portanto, a condição *sine qua non* da sua existência de poder, que pressupõem a aniquilação total da iconografia valorativa da epistemologia do negro, representado no não branco na imagem do ibero-afro-ameríndio. Linha de compreensão sugestiva ao entendimento da possibilidade de que o conflito de imagens, aqui posto em questão, é, por sua vez, possivelmente a projeção da luta de classe, que é dada como resultado do dinamismo da era da informação em meio à dinâmica das lutas de resistência e de autonomia das minorias.

### INICIATIVA COMO ONTOLOGIA DO NEGADO

Observa-se que no complexo da existencialidade da era da informação as classes sociais se consubstanciam por uma representação dinâmica dos grupos, que em condição de vulnerabilidade reclamam por justiça. Mas, compreende-se ainda que o sentido da verticalidade do poder da imagem do euro-hetero-macho-autoritário, só se estabelece como força hegemônica na subtração de sentido qualitativo das expressões subordinadas, destes grupos. A força da existência euro-ocidental, que do ponto de vista hegemônico faz-se por um processo de determinações autoritárias; implicando no paradoxo da subordinação das outras culturas não ocidentais, notadamente, não brancas, consignadas no processo representativo da imagem negação da representação ibero-afro-ameríndio.



Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT (Juara). n.01, vol. 1, 2014.

Tendo em vista que esta imagem se localiza na representação dos negados, expressando a complexa dinâmica da opressão do tempo da atualidade. Tempo este que se revela, na medida em que é consubstanciado na informação, por decorrência dar-se-á, também, como expressão de conhecimento. Reflete-se aí, contudo, que a negação do outro no terreno da desconsideração da diversidade fazer-se-á, indubitavelmente, no procedimento da fragmentação do saber que se caracteriza enquanto símbolo do negado no processo da imposição subordinada.

É sensato supor que a compreensão histórica torna-se, no entanto, ainda um fator instrumental que se estrutura na construção de dominação do eurocentrismo. Notar-se-á, então, que o processo de revisão crítica por uma demanda radicalizada como afirmação ontológica do afro descendente, enquanto não branco e, por conseguinte, ibero-afro-ameríndio; mostrando-se no processo memorial do diálogo do ser com seu o tempo. Processo necessário ao reencontro com a plenitude existencial. Fenômeno de dimensão escatológica no qual se busca a dignidade. E, assim, permitindo, 'ao meu quase cego ver', possíveis dimensionamentos do ser, que se darão na dinâmica do binômio mito/rito de relações invisíveis no qual a percepção do oprimido encontre na memória as nuances de sua integridade.

De tal sorte que a história estabelecida, dessa maneira, é a historização da ordem cujo ordenamento, dado é imagem hegemônica do euro-hetero-macho-autoritário, impondo-se como construção da sua própria história objetiva, enquanto controle de existência do outro, razão pela qual o processo de afirmação do não branco dar-se-á nas profundas relações de subjetividade. É aí que se percebe a dinâmica da transcendência, inscrevendo-se no âmbito da percepção estética de um conhecimento material que tem como estrutura as bases dessa imaterialidade memorial; indicando para uma arte de causa, que processa pela dignidade da imagem a partir dos traços dos conhecimentos essenciais que se vale da cosmovisão africana antiga, que permite ao negado a integridade da dignidade na medida em que é suleada pelo respeito à biodiversidade. Permitindo ao negado na reconstrução desta imagem de negação, rearticulando a sua força de iniciativa que lhe é fundamental nas relações de existência; baseada nas expressões epistemológicas de reconhecimento.



Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT (Juara). n.01, vol. 1, 2014.

Nesse sentido a força do cinema é fundamental na era da informação. Sendo forma de conhecimento, que enquanto tal já apontava à nova era da informação, enquanto devir, dado por uma imagética futurística, visto na ficção científica, ainda na era da máquina. Revelando, desse modo, a complexidade que viria no bojo do tempo da informação.

Era cibernética na qual a criação permite o processo de produção, de conhecimento sistemático, gerando a inteligência e a vida artificiais. Assim, modelando a existência do conhecimento simbolicamente afirmativo, que se revela, desta maneira, pela mediação da luta, caracterizada em nuances do movimento político, no qual o proibido/oprimido/vulnerabilizado indica para o seu convívio como o é, e desta maneira, como deverá ser tratado. Ensinando, portanto, com sua essência a verdadeira expressão, que foi configurada na ontologia de uma luta que permite o sentido do Ser, na construção da imagem de afirmação positiva, mediada por uma forma de conhecimento no qual se produzirá a iconografia de conhecimento, do negado. É, deste modo, que o não branco expressa-se como integridade. Vista na sua dignidade memorial, que se estabeleceu na sua imagem, marcada por traços de essencialidade do conhecimento, que se caracteriza na estrutura de linguagem, desta corrente cinematográfica emergente, denominada cinema negro.

Cinema étnico que se dá na medida em que se qualifica enquanto cinema de reconstrução da imagem de afirmação positiva do afro descendente e da sua cultura, compreendida na dinâmica existencial da africanidade. Torna-se assim imperativo a compreensão de que o processo ontológico de luta pela dignidade existencial do negro, baseada na sua epistemologia, que se constituirá em um componente estrutural da dimensão pedagógica do cinema negro. Fato demandado na subjetividade de relações transcendentais, dada por uma subjacência de possível afro-escatologia, consignada no sentido fundamental da arte de causa, que reconstitui a imagem do negado; ensinando como este é e deve ser visto no processo dinâmico das relações de coexistência, que se impõem, somente, na compreensão do respeito à biodiversidade, demandada na dinâmica, por sua vez, do respeito à diversidade.



### O CINEMA NEGRO E A RECONSTRUÇÃO DA IMAGEM POSITIVA

Parece-me que nesse complexo exercício de discernimento, que se por um lado não se quer como tribuna em prol da dimensão pedagógica do cinema negro, mas se caracteriza no esforço da construção da pergunta que implica a condição de emergência dessa linha cinematográfica, na qual o presente artigo, possivelmente, aponta para a sua condição, ao meu quase cego ver, de introdução ao contributo da ontologia de luta da africanidade como provável elemento estrutural do cinema negro. Mostrando-se como expressão de conhecimento, que produz inequívocos dados, constituindo-se em componentes estruturais do cinema negro, enquanto que dimensão pedagógica. Isto ocorre na medida em que se mostra com base na dignidade de subjacências memoriais, como é o negro, enquanto não branco na sua luta de ontologias imagéticas e, também, como se deve ser tratado enquanto imagem no mundo da informação.

Nesta linha de compreensão percebe-se que o cinema negro formou seu sentido impactado pela ascensão internacional dos movimentos de massa. Encontrou, nessa perspectiva, na marcha pelos direitos civis liderada por Martin Luther King, nos Estados Unidos e, também, na luta de descolonização revolucionária africana referência suledora.

Nota-se que, o cinema negro entre nós surgiu da resistência imagética do cinema novo, contrariando o imperialismo americano visto no cinema dos grandes estúdios, representantes do colonialismo cultural. A resistência cinema novista combatendo o mito da incapacidade do sentido telúrico afro-ameríndio, do camponês que supostamente não conseguia vivenciar o desenvolvimento. Ver-se-á aí uma estratégia semiótica da chanchada, que viu neste camponês o símbolo do atraso, prejudicando o progresso republicano, que por sinal era impregnado de positivismo, dado pela influência militar.

Fato que concorreu pela formação de um cinema em favor de uma brasilidade de sentido telúrico, na qual a africanidade e a guaranidade constituíram-se essência do sentido profundo daquilo que se convencionou chamar de povo brasileiro. Fenômeno que se deu na demanda da teluricidade inexorável da maioria empobrecida afro-ameríndia de subjacência rural. Sofrendo



Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT (Juara). n.01, vol. 1, 2014.

a artificial hegemonia dada por relações urbanas de uma perspectiva industrial, plasmada por cotas/políticas públicas em favor da suposta elite paulista.

Tendo em vista que estes sudestinos receberam indústria do Estado, por meio do governo Vargas visando à imposição da provável urbanidade contra a aristocracia agrária. Mote este em que se deu, entretanto, a figura caricata do personagem “Jeca Tatu”, que foi celebrado pelo talento do humorista paulista Mazzaropi; expressando nuance de semblante ameríndio.

Compreende-se, talvez, aí a razão pela qual se deu no cinema novo o diferencial da imagética própria, em que o proletário caracterizado em todas as expressões de empobrecido, que encontrava no negro seu ícone, e as relações de dominação e seus desdobramentos configurados no branco. Depreende-se daí o discernimento do negro como referencial estético do cinema novo, dado por uma dinâmica do plexo de sentidos telúricos. Considera-se que por sua vez no cinema novo, sobretudo, de Glauber Rocha o negro, enquanto configuração telúrica de riqueza ideal, percebida no devir e da pobreza objetiva de relação de poder. Sendo, dessa maneira, protagonista da dinâmica cênica, colocando a brasilidade como epicentro dessa estética.

Nota-se, entretanto, que no cinema negro também plasmado na irreverência estética, ainda em Glauber Rocha, que cunhou o termo cinema negro, sendo o seu primeiro agente, com notável sentimento midiático de volta as origens. Realizando, neste contexto, a antológica obra cinematográfica, o “Leão de sete cabeças”, filme, rodado no Congo de Brazzaville. Realização que mostrava profundo radicalismo na medida em que colocou a cantora negra “jonguera” Clementina de Jesus cantando com sua força bantu, o hino da França. Comportamento de notável senso crítico, que se percebe em “leão de sete cabeças”, ou seja, a força que não morre, afirmando, assim, a imortalidade do revolucionário ameríndio Ernesto Che Guevara.

É provável que neste princípio glauberiano os jovens militantes da luta contra a ditadura militar no Brasil, enquanto movimento social, sobretudo, na luta contra o racismo, seguindo o desiderato irreverente de Glauber Rocha, com o mesmo sentimento de volta as origens foram ao continente negro reescrever a sua história. Comportamento dado por um processo imagético em que se fazia da objetiva a escrita da sua liberdade. Fenômeno, observado na incursão desses



Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT (Juara). n.01, vol. 1, 2014.

militantes que iniciaram o ofício de cineasta, com o propósito de reescrever no processo de construção da imagem de afirmação positiva do negro, em postura radical; encontrando a ontologia na essência da luta revolucionária.

Razão pela qual os dois primeiros filmes do cinema negro, dado pelo impacto do Movimento Negro Unificado, da década de 70 do século vinte, apontavam para a tendência marxista da revolução de Angola bem como a luta revolucionária da Eritreia. Tornando-se, dessa maneira, inegável e inexorável o substrato do movimento social na formação dos componentes estruturais do cinema negro. Linha de compreensão em que a arte enquanto forma de conhecimento produz valores de transcendência memorial, afirmando a feição ideal do negado, que se mostrará doravante em um devir onírico de demandas ontológicas.

De tal sorte que no próprio processo do cinema negro perceber-se-á na realização como um reescrever da história, por demandas de reconstrução da imagem, ‘ao meu quase cego ver’, uma inexorável vontade de se despir da roupa, caracterizada no fardo da colonização; impondo-se, dessa maneira, então, um nudismo ecoestético de subjacência africana, dado por um naturalismo, que se percebe no primeiro plano (PP), totalmente radical do realizador negro Zózimo Bulbul, quando constrói a imagética da realização de “Alma no olho”.

Provavelmente, um dos mais emblemáticos títulos na formação do acervo do cinema negro, que encontrou no saudoso Zózimo Bulbul o mais evidente rompimento com a imagética estabelecida, na qual se fez galã. Mas, preferindo seguir pelo caminho da dificuldade de realizador, em um mercado em que o negro é negado. Fê-lo visando a construção da imagem de afirmação positiva do não branco, configurado no ibero-afro-ameríndio; conferindo-lhe, então, a posição de sujeito histórico, daquele que fala por si enquanto, na construção do seu tempo, dada por uma relação de modernidade, imbricada na iniciativa da dignidade com base no conhecimento.

É nesse sentido ontológico da luta pela afirmação de humanidade, enquanto que reconstrução da imagem que afirma-se como positiva, que o cinema negro inscreve sua dimensão pedagógica; fazendo do respeito à dignidade o elemento fundamental da ética do saber. Postura étnica conceitual com base na cosmovisão africana antiga do respeito à



Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT (Juara). n.01, vol. 1, 2014.

biodiversidade. E, permitindo, dessa maneira, as expressões de todas as vulnerabilidades encontrasse sua força na reconstrução de imagem; razão pela qual o cinema negro manifesta-se para além do problema da cor, sendo uma questão de afirmação de todas as forças das minorias; com efeito, sendo uma forma de conhecimento com uma dimensão pedagógica, que ensina o respeito à diversidade pela ontologia da luta de reconstrução de imagem do segmento que se reclama vulnerável. Nesse processo imagético, próprio das relações sociais da era da informação. Considerando que a luta de imagem é uma projeção de lutas de classes. Conforme sugere Prudente, Passos e Castilho:

É preciso notar que a luta de classes tradicional do modo de produção capitalista industrial mudou de figura com o advento da revolução tecnológica, que situa a informação, não mais na máquina, como centro. O modo de existência agora é outro, baseado na informação. Na era da cibernética, que se encontram nos estágios mais avançados da inteligência e da vida artificial, as lutas de classes se dão em uma dinâmica imagética: de luta de imagem. No caso específico do Brasil, esse elemento, se configura, indubitavelmente, no espectro que vai do branco ao preto: demanda *dégradé* própria de uma sociedade miscigenada, embora marcada pelo preconceito que tem aviltado a imagem do diferente” (PRUDENTE, PASSOS e CASTILHO, 2011, p. 89).

Nessa linha de compreensão que se percebe a dimensão pedagógica do Cinema Negro, enquanto afirmação ontológica. Fenômeno que se dá por meio da luta em favor da reconstrução da imagem positiva do afro-descendente, que ensina o respeito à diversidade, por meio da ontologia. Processo ontológico que se mostra na inexorável busca do resgate da sua dignidade. De tal sorte que o cinema negro tem uma possível dimensão pedagógica na medida em que o princípio de dignidade e respeito à diversidade, propugnados pelos movimentos sociais são componentes estruturais do cinema negro, no sentido inequívoco da sua possível sintaxe de alteridade.



## ABSTRACTS

This article is an inquiry, showing the extent to which black film as a tool for image building of positive affirmation of African descent, in the information age has its ontology, in the fight. Observe also the extent to which the pedagogical dimension of black cinema reflects in its structure, the subjectivity of social movements.

**KEYWORDS:** positive affirmation, pedagogical dimension of subjectivity and social movements

## REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi, k. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Glaucia Renate Gonçalves: Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- NASCIMENTO, Elisa Lankin. O tempo dos povos africanos. In: **Caderno de Estudos**, Fórum Educação Afirmativa Sankofa. (org.) Elisa Lankin Nascimento. Ipeafro. Rio de Janeiro, 2010.
- PRUDENTE, Celso. **Alguns pontos reflexivos para a compreensão da cultura afro brasileira: artes plásticas música, cinema e teatro**. Rio de Janeiro: CEAP, 2007.
- PRUDENTE, Eunice. **Preconceito Racial e igualdade jurídica no Brasil**. São Paulo: Ed. Julex, 1989.
- PRUDENTE, Wilson. **Crime de Escravidão**. Rio de Janeiro: Ed. Lumen Júris, 2006.
- RODAS, João Grandino; PRUDENTE, Celso. Reflexões para o discernimento do estereótipo e a imagem do negro. In: **Revista da Faculdade de Direito/Universidade de São Paulo** v. 104. VER. DA FAC. DIREITO USP. São Paulo, 2009.
- SARTRE, Jean- Paul. **Reflexões sobre o racismo**. Tradução J. Guinsburg. 2. ed. São Paulo: Ed. Difusão europeia do livro, 1960.

Recebido em 25 de setembro de 2014. Aprovado em 08 de outubro de 2014.